



Indivíduos nômades: uma análise do gênero feminino no contexto atual das webrádios universitárias¹

Carlos Gabriel Ferreira da SILVA²

Sandra Sueli Garcia de SOUSA³

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

RESUMO

As webrádios surgiram junto à emergência da internet, de forma a originar uma nova forma de radiofonia, que traz consigo mensagens de diversas plataformas e que envolvem todos os sentidos para além da audição. Devido a isto, o presente artigo tem como objetivo a discussão e apresentação as webrádios universitárias brasileiras que possuem o teor educativo, a fim de se traçar um horizonte discursivo acerca do gênero feminino. Para tanto, de setembro a outubro de 2013, buscou-se o conhecimento das rádios veiculadas estritamente no meio cibernético que funcionam a partir do fomento estudantil na prática radiojornalística. Com estes resultados, apresentamos o que foi observado diante o recorte proposto nos portais que hospedam as webrádios.

PALAVRAS-CHAVE: webrádios; gênero feminino; opressões; sociedade.

1. O BOOM DA MODERNIDADE CIBERNÉTICA

Cada época datada na História é marcada por seu contexto e características próprias. Dividir os tempos vividos em períodos, aprisioná-los em anos longínquos com narrativas amedrontadas, é uma característica da ideologia humana. Os homens, desde a sua incógnita gênese, formaram períodos a fim de marcar o início e fim de ciclos próprios, de características que (se) revolucionaram. Se a Pré-História foi marcada por períodos divinos, de heróis oligárquicos, a modernidade vem com a imprensa, a pólvora e a bússola, impulsionando a comunicação, as grandes guerras e as navegações. Na contemporaneidade, neste novo modo de pensar, a liquidez, tomou posse do todo a fim de estabelecer em sua dinamicidade as ruínas de um passado não lembrado.

O nosso destino radiofônico surge aqui: meio ao caos de novas transformações e na rapidez da liquidez sentimental (KUMAR, 2006), como meio de comunicação que

¹ Trabalho apresentado no IJ 05 – Rádio, Tv e Internet do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

² Estudante do 7º. Semestre do Curso Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, email: ferreiracarlosgabriel@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Jornalista pela Universidade Federal do Pará (1993). Mestre em Teoria e Ensino da Comunicação pela Umesp (1997) e Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (2010). Professora do Curso Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo, email: sandrasueli@faced.ufu.br.



transmite as novidades em ondas invisíveis. Tudo culpa de Guglielmo Marconi, que seguiu os passos de Hertz e Maxwell e que, em 1896, já apresentavam a patente de um invento que realizava transmissões de rádio a pequenas distâncias (PRATA, 2009). Instaurava-se a radiodifusão como a primeira invenção humana a possibilitar a presença humana mesmo à distância. No Brasil, a possibilidade de uma nova comunicação toma gênese em 1922, em sete de setembro, mesmo dia que se comemoravam os cem anos da independência tupiniquim. De lá pra cá, os noventa anos de história desta tecnologia no Brasil trouxeram novas e exageradas histórias para o marco de nosso conhecimento.

Na contemporaneidade, o suporte radiofônico, a sua linguagem e os métodos de produção ganham um novo teor, uma nova função meio às mil e uma tecnologias presentes no cotidiano de uma sociedade que pula entre todas as tarefas que precisa realizar em apenas vinte e quatro horas. O rádio ainda é um instrumento formidável para fomentar a expressão oral de qualquer comunicólogo em formação (PERONA & BARBEITO, 2007), mas os seus traços são alterados diante a nova configuração que presenciamos: emissões através da internet, do fundo do ciberespaço.

O ciberespaço (GIBSON, 2003) é caracterizado como um ambiente em que se encontra a possibilidade de navegação de modo virtual e transcendental a qualquer barreira geográfica e temporal. Loucura para o início do século XXI! A verdade, entretanto, é que este espaço cibernético tem sido cada vez mais utilizado como referência à discussão de uma rede que atravessa o globo terrestre, conectando indivíduos, empresas, organizações, atores, grupos sociais e, sobretudo, criando uma nova forma de interação: a esfera pública complementar.

O ciberespaço é um espaço virtual, que não existe fisicamente, mas que reproduz o espaço existencial (...) Possui algumas características específicas: a) é um espaço de liberdade, no sentido de que não o controlam governos, empresas nem entidades supranacionais. Nele todas as pessoas ingressam em igualdade de condições e qualquer tentativa de regulação pode significar a sua própria destruição; b) opera através da interatividade, podendo os usuários influir sobre a informação e controlar a própria editoria; c) abre-se para a infinitude, universalidade e internacionalização (TORRES, 2004, p. 120).

Neste novo meio de comunicação, o que se observa é a construção paulatina de uma “sociedade complexa”, que experimenta um universo de novos parâmetros modernos a partir de uma identidade primária – uma sigla que ordena os demais, estabelecendo fontes de significado para os próprios indivíduos e construídos por meio



de um processo de individuação (CASTELLS, 2008). As velhas identidades, que por tanto tempo consolidaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas tribos e fragmentando o indivíduo moderno em módulos de características mutáveis. Como relembra Marshall Berman:

Ser moderno quer dizer achar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de nós mesmos e do mundo; e que, ao mesmo tempo, ameaça destruir tudo o que temos, que conhecemos e que somos. Os ambientes e as experiências modernas superam todos os confins étnicos e geográficos, de classe e de nacionalidade, de religião e de ideologia: em tal sentido, pode-se, verdadeiramente, afirmar que a modernidade iguala todo o gênero humano. Trata-se, contudo, de uma unidade paradoxal, de uma unidade de separação, que nos projeta num abismo de desagregação e de renovação perpétuas, de conflito e de contradição, de angústia e de ambiguidade. Ser moderno quer dizer ser parte de um universo em que, como afirmou Marx, tudo o que é sólido se dissolve no ar (BERMAN, 1985 *apud* CANEVACCI, 1990, p. 9).

Nesta esfera pública complementar a “vida” pode ser descrita como uma constante construção de um emaranhado de ideias recíprocas, em que o estar junto, mesmo que a milhas de distância, é um teor essencial para a construção da cultura cibernética que não surge mais unicamente de um pólo unificado, mas sim, de vários pontos que brilham no universo das redes, em que a identidade de si se tornou um processo de massa. E aqui rede entende-se como “conjunto inorganizado e, no entanto, sólido, invisível, porém, servindo de ossatura a qualquer conjunto, seja ele qual for” (MAFFESOLI, 2006, p. 146).

E que melhor descrição do que comumente chamamos de *webrádios*: vários pontos radiofônicos que surgem na imensidão da internet. Uma comunicação multidirecional que interage aumenta de forma sensível. O que se observa na tendência atual do rádio é a volta de seu horizonte para os aspectos regionais, ligado à comunidade em que atua, como forma de expressão de anseios e criatividade individuais. Como diz André Casquel Madrid, o que se tem em nossa contemporaneidade é um “intercâmbio de informações que se processa no ar, em sistema de integração instantânea” (MADRID, 1972, p. 62), em que se cria uma trama de sociabilidade e laços afetivos, trabalhando com a oralidade. Como pode a virtualidade influenciar nestes aspectos radiofônicos?



2. RÁDIO O QUÊ?

Meio às novas tecnologias, seria praticamente inadmissível a simbiose entre internet e jornalismo radiofônico enquanto meio de publicação. Com o surgimento da rede mundial de computadores, uma nova forma de comunicação haveria de surgir: as webrádios – meios de comunicação virtuais que funcionam estritamente na democracia da internet, sem necessidade de legalização burocrática e governamental. A primeira rádio a querer juntar estas duas plataformas em uma nova forma de comunicação foi a Rádio Klif, do Texas no Estados Unidos da América, ainda em 1995 (PRATA, 2009). O novo método trouxe à “deprimente” rádio um novo solavanco de formas de funcionamento.

A rádio na web deixa de se tornar apenas um instrumento sonoro para também compor um cenário que requer cada vez mais a utilização de recursos imagéticos. É o que aponta Meditsch (2001 *apud* PRATA, 2009, p. 74), ao classificar esta nova rádio como um “meio de comunicação que transmite informação sonora, invisível, em tempo real. A informação sonora poderá vir acompanhada de textos e imagens, mas estes não serão necessários para a compreensão da transmissão”.

As novas webrádios encontram-se hospedadas em grandes portais que possuem a transmissão de áudio em teor primário, mas que, também, apresenta uma série de novos produtos a serem consumidos por seu público-alvo, como notícias, fotografias, infográficos e vídeos. Por isto, neste momento, torna-se imprescindível a multimídia dos hipertextos. O público, que agora se encontra em uma nova forma de agora pública, anseia por conhecer os bastidores; por consumir, rapidamente, o maior volume de informações interativas possível.

Podemos afirmar que o rádio na web repete fórmulas e os conceitos hertzianos, velhos conhecidos do ouvinte, pois é pela repetição que o público se reconhece. Mas, ao mesmo tempo, insere novos formatos, enquanto reconfigura elementos antigos, numa mistura que transforma o veículo numa grande constelação de signos sonoros, textuais e imagéticos (PRATA, 2009, p. 80).

As webrádios surgem, portanto, como uma nova forma de veiculação das diferentes sonoridades presentes no cotidiano dos indivíduos. Não deixam de ser menos importantes do que as rádios existentes por meio das ondas em *hertz*, pelo contrário: configuram um novo cenário da comunicação no mundo, em que a possibilidade de expressão jornalística se torna cada vez mais democrática e possível.



(...) a acessibilidade e a hipertextualidade proporcionadas pelo rádio web (entendido aqui no sentido amplo que estamos tratando) viabilizam organizações personalizadas e diferenciadas de mensagens e informações por cada (sic) indivíduo, articulando, através do digital, muito mais do que o arquivo sonoro e a sua “emissão”; articulam-se também, como já nos referimos, a imagem, a estática ou em movimento, os textos e todas as suas potencialidades. Mais do que isso, a dimensão temporal passa a não ser fundamental, uma vez que, digitalizados o sinal e os produtos, eles podem tanto ser facilmente transportados fisicamente (DVD, CD, flashdirver, disquete) quanto estar disponíveis em banco de dados, através dos sistema *podcasts* acessíveis às pessoas conectadas à internet (PRETTO, BONILLA e SARDEIRO, 2010, p. 70 *apud* SOUSA, 2013).

Diante esta nova possibilidade de transmissão é que estudantes de comunicação social do país têm tomado para si a responsabilidade de criar uma nova linguagem que preze pela criatividade jornalística. Meio a todos os gêneros radiofônicos – classificados por André Barbosa Filho em meados de 2003 –, como jornalístico, entretenimento, publicitário e propagandístico, um em especial tem tomado forma diante a nova técnica de rádio nas instituições federais brasileiras: o gênero educativo-cultural. Universidades do Brasil têm adotado para si a idealização da linguagem radiofônica na web a fim de tornar a técnica um método de ensino, de modo que no rádio o aluno aprimore a rotina jornalística de maneira completa – a apurar o assunto, a escrever com rapidez, aprofundar assuntos por meio de entrevistas mais longas, aprender a falar de improviso, a produzir programas e entre outras coisas.

3. E A MULHER NISSO TUDO?

Posto este panorama contextual de nosso trabalho, enxergamos, neste momento, a necessidade de pausarmos os devaneios metodológicos de pesquisa a fim de mergulharmos em outro aspecto de igual importância para esta pesquisa: a identificação e recorte dos gêneros, primordialmente diante o feminino. Aqui entende-se o gênero enquanto construção social, que se dá de forma relacional, em oposição ao outro (SCOTT, 1995).

Entende-se, também, que esta construção de si acontece especialmente diante a transposição da mídia em seus mais diversos suportes, fomentando a ideologia de que toda a mulher possui o dever de ser bela (LIPOVETSKY, 2000). Esta construção social realizou-se a partir das diversas décadas, onde, desde o surgimento da ágora moderna, a



mulher esteve destinada ao âmbito privado do lar e o homem ao espaço público da política. Desde lá, grandes avanços do movimento das mulheres em prol de seus direitos e da transformação de sua imagem social vieram a vingar em nossa sociedade, entretanto, ainda é pertinente a ideia de que todo corpo, especialmente o feminino, ainda é escravo de si.

Ao mesmo tempo em que a sociedade contemporânea é marcada pela diminuição da taxa de natalidade e pelo aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho, percebe-se também que sua inserção na sociedade para além do escopo das práticas tradicionalmente consideradas femininas não correu de forma homogênea em todos os grupos e classes sociais e que, necessariamente, não trouxe uma melhor qualidade de vida para elas (TEMER, TONDATO & TUZZO, 2012, p. 27).

Em diferença aos anos anteriores, agora as mulheres estão, mesmo que minimamente, inseridas no mercado de trabalho – e, novamente, *mesmo que minimamente*, recebendo salários por suas operações que, se calculadas, valeriam algumas porcentagens a mais. O quadro da mulher que batalha para continuar no cerne da família e, que ainda assim, constrói uma carreira profissional é pintado rapidamente, ao teor do capitalismo valente que engole a mão de trabalho barata. Na transposição da esfera pública para a privada, o conceito de liberdade é incompatível a noção moderna de felicidade, pois esta está cada vez mais associada ao conforto material de si – tornando qualquer indivíduo alienado diante a sua existência pública (BAUMAN, 2003).

“(…) [é] preciso ser magra, juvenil, conhecer e gostar do próprio corpo. Não por acaso, os problemas com a aparência física começaram a ser interpretados segundo a banalização do vocabulário psicanalítico: vergonha do corpo tinha lá suas razões inconscientes. Traumas e frustrações tornaram-se termos comuns nos conselhos de beleza. O embelezamento ganhava maior complexidade e complicação: era necessário não apenas ser, mas ‘*sentir-se bela*’” (SANT’ANNA, 2005, p. 119).

Temos, portanto, a figura de uma mulher que foi historicamente oprimida e que, na atualidade, precisa se duplicar a fim de enfrentar uma jornada dupla, no trabalho e em casa. É evidente que as mulheres são majoritariamente ativas, mas que a sua permanência neste lócus social é alarmante (LIPOVETSKY, 2000). A mulher, felizmente, não é mais aquela ideológica tabula rasa empregada no passado, entretanto, no Brasil, segundo o Instituto Sangari, foram assassinadas, entre 1980 e 2010, quase 91 mil mulheres, sendo 43,5 mil apenas nos últimos dez anos. Em 2010, houve 4.297 casos



de homicídios femininos, o que torna o país, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), como o sétimo no patamar de 84 países que possuem maior número de violência contra as mulheres⁴.

Esta mulher, portanto, que se figura, em sua grande maioria, na esfera privada do lar, relaciona-se muito com a mídia que lhe está ao seu alcance quando disponível. As webrádios universitárias, enquanto produtoras de sentido, exercem o seu papel neste âmbito. Ao adentrarmos a era digital, abrimos as comportas do mundo para o cientificismo moderno. A grande maioria das pessoas está conectada por um aparelho digital. A mulher moderna não seria diferente. Ela se relaciona com as novas mídias e atribui significados a elas. Por isto, é neste momento que perguntamos: as webrádios têm realizado os seus papéis educadores propostos a fim de conscientizar uma parcela da sociedade diante a sua cidadania e direitos?

4. O QUE ENCONTRAMOS NA WEB

A fim de se obter um panorama da quantidade de escolas que possuíam e utilizam as webrádios em sua composição acadêmica, entre os meses de setembro e outubro de 2013 realizou-se um mapeamento destas rádios existentes estritamente no meio cibernético e que eram voltadas para o meio educacional. Das centenas de universidades existentes, que lecionam a Comunicação Social: com Habilitação em Jornalismo, apenas 14 possuíam webrádios em funcionamento e que eram constantemente atualizadas em seus respectivos portais, estando duas na região norte, três no nordeste, duas no centro-oeste, seis no sudeste e uma no sul, como mostra o quadro a seguir:

Região	Universidade	Site
Norte	Universidade Federal do Pará (UFPA)	http://radio.ufpa.br
	Universidade Federal do Acre (UFAC)	http://www.ufac.br/portal/noticias-urgentes/radio-web-ufac/radio.html
Nordeste	Universidade Federal da Bahia (UFBA)	http://www.radiofacom.ufba.br/
	Universidade Federal Do Recôncavo	http://www.ufrb.edu.br/reverso/ra

⁴ Dados do Mapa da Violência de 2012, disponível em: <http://goo.gl/JqKbo>.



	Da Bahia (UFRB)	dio-reverso-as-vozes-do-reconcavo/
	Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte (UFRN)	http://cultmidia.blogspot.com.br/2009/11/midia.html
Centro-oeste	Universidade de Brasília (UnB)	http://www.radiobambare.fac.unb.br
	Universidade Federal Da Grande Dourados (UFGD)	http://www.ufgd.edu.br/radio/
Sudeste	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	http://www.ufgd.edu.br/radio/
	Universidade Federal De Uberlândia (UFU)	http://www.radioinufu.com
	Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)	http://www.radiouerj.com.br/Acervo.php
	Universidade Federal Do Rio De Janeiro (UFRJ)	http://www.audioativo.com
	Universidade Federal Fluminense (UFF)	http://www.nasondasdoiacs.uff.br/index.php/a-radio http://www.radioescuta.uff.br
	Universidade Estadual Paulista (UNESP)	http://www.radiovirtual.unesp.br/html
Sul	Universidade Federal De Santa Catarina (UFSC)	http://www.radioponto.ufsc.br

Tabela 1: webrádios encontradas em todo o âmbito brasileiro (Fonte: Produção Própria)

E já com a finalidade de se obter um panorama qualitativo destas webrádios e como andavam as suas produções, selecionamos cinco rádios a fim de estabelecermos nosso corpus de pesquisa, sendo uma de cada região do país, a saber – esta escolha ocorreu de modo a selecionar aquelas que possuíam acervos em seus portais, a fim de facilitar a pesquisa e sua produção:

- ⇒ **Região Norte – Rádio UFPA (UFPA):** este projeto de webrádio foi idealizado ainda em 2006 nas reuniões do grupo de pesquisa “Estudos em Rádio e Divulgação Científica”, do instituto de Letras e Comunicação da Faculdade de Comunicação. Entretanto, é apenas em 2009 que a rádio surge de fato, estreando



com programas de debate, ensino, pesquisa e extensão, incrementando, ao longo do tempo, com mais quadros e jornais que visavam atingir toda a comunidade acadêmica.

- ⇒ **Região Nordeste – Rádio Reverso: As vozes do Recôncavo (UFRB):** a webradio está hospedada no blog “Reverso Online” e apresenta produções dos estudantes de Radiojornalismo. Arquivados desde 2009, os produtos podem ser escutados na íntegra – trazendo à tona o ideário da web, em que é possível encontrar um arquivo e a rádio deixa de ser essencialmente ao vivo. É importante observar que há produções variadas em formatos de radiojornais, boletins e radiodocumentários.
- ⇒ **Região Centro-Oeste – Rádio Bambaré (UnB):** sob a frase “diferença que soma”, a rádio da UnB é uma produção dos estudantes da Faculdade de Comunicação da própria universidade, tendo esse nome lembrando a palavra “babaré”, que significa alarido, gritaria. Com uma programação transmitida 24 horas por dia, os estudantes apresentam uma sonoridade eclética, que vai desde o rock até a música popular brasileira. Os alunos também produzem as seções “Fique Sabendo”, “UnB para Brasília” e “UnB Pesquisa”. Os programas, entretanto, não estão disponíveis para download.
- ⇒ **Região Sudeste – Rádio Online UERJ (UERJ):** inaugurada em 2005, a Rádio Online UERJ se encontra como a primeira rádio web brasileira de programação contínua, mesclando informação, serviço, cultura, educação e música. O seu objetivo é divulgar a pesquisa e extensão dos diversos *campi* da instituição, sendo também ponto de apoio técnico.
- ⇒ **Região Sul – Rádio Ponto (UFSC):** uma das primeiras emissoras universitárias a funcionarem no ciberespaço, a Rádio Ponto da UFSC foi fundada ainda em 1999 com o trabalho de conclusão de curso de duas alunas do curso de jornalismo da universidade, sendo hoje um projeto de extensão e que funciona tanto por meio de ondas *hertz* quando no meio virtual. A sua programação trabalha com informação, cultura e prestação de serviço sobre a instituição e os assuntos que a circundam.



5. O ENCONTRO ENTRE ELAS – AS MULHERES E AS WEBRÁDIOS

É aqui que ouvimos muito, bastante coisa. Aprofundamos nos arquivos das webrádios e nos entregamos aos debates que, de forma educativa, envolvem o gênero. Mas como classificar o caráter educativo e experimental diante a análise de gêneros na produção radiofônica de estudantes universitários? Para além de uma boa apuração das pautas selecionadas.

Neste primeiro momento, pesquisamos nos arquivos das webrádios selecionadas os termos “mulher”, “gênero” e “feminino”, a fim de encontrar programas que envolvessem a temática proposta por este artigo. Diante as rádios que não possuem acervo, procuramos buscar na programação e ouvi-la em horários específicos para encontrar o recorte proposto. Os arquivos encontrados mais recentes, no período de janeiro de 2012 a janeiro de 2014, estão citados abaixo em ordem de criação:

- ⇒ **Região Norte – Rádio UFPA (UFPA):** uma ampla gama de sonoras foi encontrada nesta webrádio que tratam da diversidade sexual e do gênero feminino, a saber: “Educação e Gênero: Orientação Sexual de Jovens Mulheres nas Ilhas de Abaetetuba”, “Criando Asas: ações afirmativas com crianças, adolescentes e familiares na cultura de direitos”, “Mulheres vivas das matas do Marajó”, “Seminário sobre violência contra a mulher”, “Tráfico Humano”, “Assédio Moral”, “Ações de prevenção e promoção da saúde de mulheres, crianças e adolescentes assistidas no Lar Fabiano de Cristo”, “Aborto”, “Violência Doméstica”. Todos os programas envolvem forte debate diante os temas propostos, envolvendo pesquisadores sobre o tema e/ou fontes que possuem propriedade para se posicionar diante a discussão de gênero;

- ⇒ **Região Nordeste – Rádio Reverso: As vozes do Recôncavo (UFRB):** não foi encontrado nenhum programa voltado especialmente para a discussão acerca do gênero, entretanto, as vozes femininas são vistas regularmente em produções de temas diversificados. A Rádio Reverso, apesar de não se propor à discussão acerca da opressão diante as mulheres, responde à tais apresentando, mesmo que minimamente, fontes femininas em seus boletins, documentários, entrevistas e documentários, que apresentam seus discursos libertadores implícitos. Estes casos foram observados em várias ocasiões nos arquivos disponibilizados;



- ⇒ **Região Centro-Oeste – Rádio Bambaré (UnB):** mesmo com a grade voltada para a produção musical em quadros como “O Melhor da Música” e “Som Que Inspira”, a Rádio Bambaré se enquadra no mesmo caso da webradio supracitada: ambas não focam em sua programação a produção de reportagens diante o recorte de gênero, mas em suas músicas e em determinados momentos – em que se dedicam momentos apenas às cantoras brasileiras – é possível observar o discurso emancipador no âmbito da cultura;
- ⇒ **Região Sudeste – Rádio Online UERJ (UERJ):** boa parte dos programas da Rádio UERJ é voltada para a programação cultura, envolvendo a crítica musical, cinematográfica e artística. As temáticas ligadas ao gênero feminino foram encontradas no quadro “UERJ entrevista”, que vai ao ar as terças às 16h. O espaço na grade é reservado aos alunos e professores que desejam divulgar os seus projetos de pesquisa nas diversas áreas do conhecimento, a fim de promover a troca de conhecimento entre o público-alvo e o âmbito universitário;
- ⇒ **Região Sul – Rádio Ponto (UFSC):** pelas redes da Rádio Ponto encontramos os programas “Reféns da Liberdade - as mães e mulheres de presos”, “Violência contra a mulher”, “Dia Internacional da Mulher”, “O prazer da mulher”, “Mulheres da MPB” e “Elis Regina, inesquecível”. A grande maioria dos produtos encontrados são documentários de longa duração, que trazem consigo uma imensa discussão acerca do tema.

Observamos, nos programas encontrados, o desafio singular da composição de cada produção radiofônica, levando em consideração a criatividade, a experimentação, as propostas inovadoras, as técnicas de produção jornalísticas e, principalmente, a utilização educacional (SOARES, 2001) nos âmbitos sonoros, a fim de conscientizar os ouvintes acerca do recorte de gênero sexual. Deste modo, estivemos aptos a analisar conclusivamente o que estava sendo transmitido.

Na convergência das mídias, em que se leva em consideração toda a portabilidade das webrádios, o que notamos, neste primeiro momento, é a gama de produtos disponíveis ao público para a audição que remete à temática relacionada às mulheres. Observamos que os temas por si próprios se repetem, como a violência doméstica e o assédio moral, devido à urgência de suas discussões e possibilidades de viabilização. Estas discussões são de grande importância para a modernidade, a fim de



que toquem no imaginário dos ouvintes e transformem as suas diferentes realidades. Entretanto, é necessário levar em consideração que a discussão diante o coletivo de mulheres deve ultrapassar as barreiras do comum para também adentrar o âmbito da cidadania e de seus direitos.

O rádio é um dos mais importantes meios para a transformação social e as webrádios trazem consigo esta responsabilidade de mudança, pois são capazes de movimentar as distintas frações da vida humana, provocando mudanças no comportamento dos cidadãos. Por isto, enxergamos nos resultados de nossa busca um meio ainda auxiliar para o empoderamento feminino diante a sua construção social. Ainda é preciso que democratizemos o acesso às informações, possibilitando o diálogo com o Estado e com a sociedade, avançando ainda mais no debate sobre o gênero.

Entendemos que o público ouvinte destas webrádios, ao entrar em contato com estes novos paradigmas sociais e de ver o mundo, acaba por se relacionar com os elas e dali tirar conclusões, agregando, desta forma, novos elementos à sua formação cultural. Concluimos que os meios de comunicação universitários contribuem de forma a construir um potencial educativo contínuo, que dialoga com a sociedade e possibilita a permanência de assunto de extrema urgência na sociedade. As mulheres, ouvintes de muitas destas rádios, são potencializadas a possuírem sua participação garantida na esfera pública ao ouvirem tais produções.

Estas webrádios revelam também a grande possibilidade de tomarem para si o posicionamento político e ideológico de levar informações aprofundadas sobre assuntos relacionados às mulheres que não a entendam apenas pelo estereótipo cor-de-rosa do feminino. Estas informações partem do pressuposto de entretenimento e também são importantes, contudo a carência de informações conscientizadoras na esfera das rádios em *hertz* demonstra cada vez mais a necessidade de um meio de comunicação acessível e de grande abrangência, que seja capaz de levar para um grande público a possibilidade de se mergulhar em diferentes conhecimentos e, a partir disso, livrar-se de preconceitos e opressões formuladas ao longo dos anos – possibilitando, desta forma, a formulação de uma identidade emancipadora e capaz de discutir as leis em nosso país.

Este artigo foi elaborado enquanto as primeiras conclusões da iniciação científica intitulada “Indivíduos nômades: o gênero feminino representado na era da transmídia radiofônica” sob o fomento do Conselho Nacional de Desenvolvimento



Científico e Tecnológico (CNPq), de duração entre agosto de 2013 e junho de 2014 e integrado ao projeto de pesquisa “A presença das webrádios nos cursos de jornalismo: experiências laboratoriais como aprimoramento discente”, de responsabilidade da Professora Doutora Sandra Garcia de Sousa, docente do curso de Comunicação Social: Habilitação em jornalismo da Faculdade de Educação (FACED) UFU.

REFERÊNCIAS

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos – os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Edições Paulinas, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das letras, 1985. In: CANEVACCI, Massimo. *Antropologia da Comunicação Visual*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1990.

CASTELS, Manuel. **Paraísos comunais: identidade e significado na sociedade em rede**. In: *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 20-68.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LACERDA, Juliana Andrade; MAGALHÃES, Rosane Moreira. **O rádio vai à escola. Rádio em Revista**. Belo Horizonte: SEGRAC, jun./jul. 2006, v. 0, n. II, ano 1.

LIPOVETSY, Gilles. **A terceira mulher: Permanência e Revolução do Feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MADRID, André Casquel. **Aspectos da telerádiodifusão brasileira**. Tese (Doutorado em Comunicação). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

PERONA, J.; BARBEITO, M. L. **Modalidade educativas de la radio em la era digital**. Madrid: Icono 14. *Revista de Comunicación Audiovisual y Nuevas Tecnologías*, 2007.

PRATA, Nair. **WEBrádio: novos gêneros, novas formas de interação**. Florianópolis: Editora Insular, 2009.

PRETTO, Nelson De Luca; BONILLA, Maria Helena Silveira; SARDEIRO, Carla. **Rádio web na Educação – possibilidades e desafios**. In: PRETTO, Nelson de Luca &



TOSTA, Sandra Pereira (orgs.). *Do MEB à WEB – o rádio na educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. “**Sempre Bela**”, p. 105-125. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. (org.) *Políticos do Corpo: Elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise**. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Caminhos da Educomunicação**. In: *Cadernos de Educomunicação*. São Paulo: Salesiana, 2001.

SOUSA, Sandra Sueli Garcia de Sousa. **A presença das webrádios nos cursos de jornalismo: experiências laboratoriais como aprimoramento discente**. Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em: <<http://goo.gl/TFK0UN>>. Acesso em 8 de abril de 2014 às 11h34min.

TEMER, Ana Carolina R. P.; TONDATO, Márcia Perencin; TUZZO, Simone Antoniacci. **Mulheres do Sol e da Lua: a televisão e a mulher no trabalho**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2012.

TORRES, Ricardo Lobo. **O espaço público, o espaço cibernético e a interpretação constitucional**. Disponível em: <<http://goo.gl/YFWzul>>. Acesso em 8 de abril de 2014 às 16h45min.

VELOSO, Maria Luz Barbeito. **Publiradio.net: Desenho, desenvolvimento e avaliação de materiais didáticos on-line para a formação em comunicação**. In: In: PRETTO, Nelson de Luca & TOSTA, Sandra Pereira (orgs.). *Do MEB à WEB – o rádio na educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 197- 204.